
Narradores do Contemporâneo: Jornalistas Escritores e o Livro-reportagem no Brasil¹

Alexandre Zarate Maciel²
Universidade Federal do Maranhão

RESUMO

Este artigo sistematiza as principais conclusões de tese de doutorado homônima que procedeu entrevistas qualitativas em profundidade com 10 jornalistas escritores de livros-reportagem e dois editores. Busca-se entender, a partir das conversas com os repórteres Adriana Carranca, Caco Barcellos, Daniela Arbex, Fernando Morais, Laurentino Gomes, Leonencio Nossa, Lira Neto, Rubens Valente, Ruy Castro e Zuenir Ventura, e com os editores Fernando Mangarielo, da Alfa-Omega e Otávio Costa, da Companhia das Letras, como os autores lidam com outro campo, o universo das editoras de livros, e com outras forças, como, por exemplo, as sanções judiciais que cercam o trabalho particular dos biógrafos. Esses jornalistas argumentam sobre suas relações com com os personagens, com o mercado editorial e os seus dilemas éticos.

PALAVRAS-CHAVE: livro; reportagem; heranças jornalísticas; campo editorial; personagens.

1. REPORTAGEM: PATRIMÔNIO SIMBÓLICO

Vozes de várias gerações do jornalismo brasileiro foram convocadas na tese “Narradores do contemporâneo: jornalistas escritores e o livro-reportagem no Brasil”, defendida na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), para ajudar a compreender o fenômeno do livro-reportagem no Brasil pela perspectiva de suas próprias práticas e modelos³. Concederam depoimentos a partir da metodologia da entrevista qualitativa em profundidade os repórteres Adriana Carranca, Caco Barcellos, Daniela Arbex, Fernando Morais, Laurentino Gomes, Leonencio Nossa, Lira Neto, Rubens Valente, Ruy Castro e Zuenir Ventura, e os editores Fernando Mangarielo, da Alfa-Omega e Otávio Costa, da Companhia das Letras. Resulta desse debate a constatação de que a reportagem de fôlego é um patrimônio simbólico da profissão, independente do seu

¹ Trabalho apresentado na DT 1 – Jornalismo do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 30 de maio a 1º de junho de 2019.

² Professor Adjunto do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), campus de Imperatriz (MA), doutor em Comunicação pela UFPE. e-mail: alexandremaciel2@gmail.com.

³ Nesta pesquisa foi utilizado o método qualitativo da entrevista individual em profundidade. A técnica permite a exploração de determinado fenômeno, aqui, no caso, o livro-reportagem, a partir da percepção subjetiva e coletiva da experiência relatada por informantes que o experimentam plenamente. A discussão mais aprofundada sobre o método e a forma como foi utilizado nesta tese está sistematizada em Maciel (2018), capítulo 4.

suporte. Esta é caracterizada pela paciência na apuração, seleção e ordenação narrativa de farto material documental e oral, e ainda, em muitos casos, por um compromisso com a análise multiangular, contextualizada e humanizada de acontecimentos não factuais.

Embora possa ser praticada em qualquer mídia, inclusive na internet, com exemplos de especiais que conjugam texto longo, áudios, vídeos e até efeitos tecnológicos, neste trabalho interessou entender as especificidades e complementaridades da grande reportagem no subcampo editorial. O livro-reportagem pode ser definido como uma possibilidade discursiva de interpretação complexa dos acontecimentos e personagens históricos, sociais e cotidianos pelo prisma das heranças dos saberes jornalísticos, reconfigurados no reconhecimento, procedimento e na narração. Complementar ao trabalho do jornalismo diário seduz os repórteres por permitir, entre outras peculiaridades, um trabalho mais autônomo. Ao elaborá-lo, o jornalista não representa e nem está inserido em uma estrutura institucional midiática tradicional, com suas pressões hierárquicas, políticas e ideológicas. Mas as condições árduas de produção e sua compreensão simbólica por parte do mundo editorial e dos leitores impõem desafios ao jornalista escritor.

Mais do que na produção de um noticiário factual, afetado pela pressão das velozes rotinas produtivas, na elaboração de um texto de grande reportagem para se transformar em livro o autor tem a chance de ensaiar uma visão plural dos acontecimentos do passado. No entanto, se não adota como premissa a proposta da humanização e universalização temática, de nada valem as vantagens do modo de produção de uma obra deste tipo. O profissional já partirá a campo com uma história traçada, preconceitos realçados e a predisposição a ajustar a realidade histórica a um princípio esquemático e limitador, mesmo em textos enormes e elaborados com paciência, como no caso dos livros-reportagem.

2- LIVRO-REPORTAGEM: TERRITÓRIO DE LIBERDADES?

O pesquisador pioneiro na área no Brasil, professor aposentado da Universidade de São Paulo, Edvaldo Pereira Lima (2009, p. 62) pondera que, na elaboração do livro-reportagem, os vários elementos da prática jornalística “atingem um patamar próprio, diferenciado de operação”. Assim, em sua opinião e na de outros autores, trata-se de “um dos gêneros da prática jornalística, dadas as suas especificidades, a função aparente

que exerce, os elementos operativos que se utiliza e com o modo como combina as regras que determinam as relações desses elementos”.

O autor frisa os benefícios da dilatação no tempo para uma maior precisão na captação das informações, fazer e refazer entrevistas e consultar documentos, e mesmo para escrever o texto de um livro-reportagem. A ausência aparente da periodicidade nesse gênero seria uma vantagem para os jornalistas que adentram nesse ritmo de produção. Ao escolher seus temas e as formas de abordá-los, em tese sem tantas pressões, os autores fariam uma opção pelo contemporâneo, ou um passado iluminado para se entender o presente, em vez do relato puramente factual.

A partir da diferenciação que estabelece entre a prática do livro-reportagem e a produção regular de notícias, Lima (2009) passa a apontar o que conceitua como “liberdades” que o autor teria em relação às rotinas tradicionais. A primeira delas é a liberdade temática. Como não precisam se encaixar nas lógicas do jornalismo factual, os autores de livros-reportagem podem superar as abordagens superficiais. Outra liberdade, segundo Lima (2009, p. 83), é a da angulação, ou seja, o “livro-reportagem é uma obra de autor”. O escritor está “desvinculado, ao menos em tese”, de comprometer-se com o “nível grupal” e de “massa” e seu “único compromisso é com a sua própria cosmovisão e com o esforço de estabelecer uma ligação estimuladora com seu leitor” (LIMA, 2009, p. 84).

Neste artigo e na tese da qual ele foi derivado relativizo a figura já tantas vezes contestada pela teoria literária do “autor” original, que, no caso do jornalismo, atingiria o nirvana do entendimento pelo simples fato de estar trabalhando de forma mais solitária do que os seus colegas de redação. É possível afirmar que estamos tratando de uma situação de certa autonomia jornalística no campo do livro-reportagem. Mesmo assim, ela também pode estar presente de maneira marcante no trabalho do jornalista especial e até no repórter de *hard news* mais consciente de possíveis dribles às políticas editoriais. A noção de autoria costuma ser relativizada atualmente por autores da Teoria Literária e precisa ser reinterpretada como um sinal de autonomia no caso do jornalista escritor.

Este pesquisador acredita ser temerosa, sem uma pesquisa mais aprofundada, a afirmação de que estes estariam livres de pressões ou mesmo compromissos comerciais, sustentada por Lima. Em um mercado editorial competitivo como o brasileiro, o jornalista, investido na condição de “autor solitário”, precisa até mesmo enfrentar

questões judiciais. Foi o caso da necessidade de autorização prévia das biografias por parte dos biografados ou seus herdeiros, prevista no Código Civil e só derrubada recentemente, em decisão histórica, pelo Supremo Tribunal Federal (STF). Isso sem mencionar as pressões psicológicas pessoais, internas, que podem ser enfrentadas diante da logística aparentemente interminável de organizar, com sedução, na lógica mais coesa do livro, tantos depoimentos e documentos.

Pode-se concordar com os benefícios óbvios do prazo mais dilatado para a pesquisa jornalística documental e oral, mas não sustentar que seja necessariamente determinante para quem se aventura nessa seara não incorra em uma visão estereotipada do real. Mais espaço para discorrer suas interpretações e longo tempo para coletá-las e organizá-las não significa que o autor de determinada biografia, por exemplo, entenderá ou explicará com precisão e de forma multiangular, determinados aspectos contraditórios de uma personalidade ou fato histórico. Uma biografia pode contribuir, por exemplo, para deturpar de maneira injusta a personalidade de determinada pessoa, apoiada em um discurso de meticulosa objetividade jornalística.

Como não necessita girar em torno do factual, da busca obsessiva pelo acontecimento presente, o autor de livros-reportagem também gozaria, retornando ao quadro conceitual de Lima (2009, p. 85), de uma “liberdade do eixo de abordagem”. Em suas palavras, esse profissional pode “vislumbrar um horizonte mais elevado penetrando na situação ou nas questões mais duradouras que compõem um terreno de linhas de força que determinam o acontecimento”. Por fim, surge a liberdade de propósito, que, nas palavras de Lima, “permite que o livro ascenda aspirações para um alvo mais elevado do que a reportagem comum em geral apresenta”.

Entretanto, alguns entrevistados para a tese que gozam atualmente do status de repórter especial em publicações impressas, como Daniela Arbex (da *Tribuna de Minas*), Leonencio Nossa e Adriana Carranca (do *O Estado de S.Paulo*), acreditam que também conseguem, no seu trabalho na mídia tradicional, abordar assuntos com profundidade, apesar de certos limites. Principalmente em forma de cadernos especiais ou séries de reportagens – hoje, a bem da verdade, mais raros do que nos anos 1970. Mesmo a visada sobre a trajetória histórica do livro-reportagem permite perceber como em muitos momentos a imprensa brasileira privilegiou não só narrativas de fôlego, mas também subjetivas e mais interpretativas, muitas delas organizadas em livros na forma de coletânea de reportagens. Ou seja, abordagens diferenciadas no jornalismo não são

privilégio dos escritores de livros-reportagem, embora estes, indubitavelmente, tenham mais condições de engendrá-las.

Como teve a chance de analisar a produção brasileira mais consolidada, pois sua tese é posterior à de Lima, o pesquisador Heriberto Catalão Jr. (2010, p. 232) apresenta um teor mais crítico em relação ao tipo de produto que estava chegando às livrarias até então. Como não está vinculado a uma “subordinação funcional e econômica” dos veículos jornalísticos, mas mesmo assim precisa se atrelar a outras lógicas, no caso do mercado editorial, o escritor de livros-reportagem precisa pautar um assunto que atraia o interesse do público e compor textos “facilmente inteligíveis e potencialmente atraentes para o maior número de leitores possível”.

Quanto à narração, Catalão (2010, p. 233) percebe a tendência de apresentar “uma sucessão de eventos, articulados conforme a suposta ordem cronológica de suas ocorrências”. Essa forma de narração envolve outra característica, a de familiaridade com o leitor, que se materializaria nos produtos não como “experimentalismo estéticos, formais ou linguísticos”, mas sim como um “certo convencionalismo enunciativo” (CATALÃO, 2010, p. 303-304). Se compararmos a tendência dos livros-reportagem produzidos no período do *new journalism*, como os de Tom Wolfe ou Truman Capote, por exemplo, percebe-se que os norte-americanos investiram mais nas inovações estéticas narrativas e arriscaram, mesmo, a expor suas angústias e dúvidas no processo, o que não é tão comum na tradição do livro-reportagem brasileiro. Também chamou a atenção de Catalão (2010, p. 235) a característica da onisciência. Ele critica o “tom de segurança e de certeza do autor”, já que raramente “se encontram dúvidas, indefinições ou inquietações, seja quanto aos acontecimentos relatados, às teses defendidas ou às informações que as sustentam e ao processo por meio do qual elas foram obtidas”. Esse tom está realmente subjacente em vários livros-reportagem brasileiros, mas as entrevistas da tese resumidas neste artigo indicam que os jornalistas escritores vivenciam um turbilhão de dúvidas com relação à obra que estão produzindo. E, embora não explanem ou deixem tão claro para os leitores no corpo de seus livros essas indecisões e conflitos, falam longamente sobre elas, com exemplos, nas entrevistas para este trabalho e mesmo nas midiáticas.

O autor deste artigo e da tese também sustenta que o fato de não deixar tão explícitas nos textos suas dúvidas talvez seja o principal ranço que os autores de livros-reportagem estejam transpondo de suas experiências de interpretação desenvolvidas nas

redações. É preciso que esses jornalistas aproveitem as claras vantagens do suporte para manifestar menos o discurso das “certezas” e entender o formato livro como a possibilidade de práticas jornalísticas mais abertas à surpresa das forças contraditórias da realidade. Por que não provocar mais o leitor para a compreensão conjunta de um mundo referencial tão complexo?

Outro pesquisador da área do livro-reportagem, no caso o de jornalismo biográfico, Sérgio Vilas Boas (2006), por sua vez, aponta alguns aspectos que, na sua visão, representariam limitações filosóficas e narrativas para as biografias jornalísticas no Brasil. Um dos principais problemas no tom das biografias brasileiras, segundo Vilas Boas (2006, p. 111), é o caráter da extraordinariedade. Ele acredita que não se pode esquecer do relato do “mundo das experiências comuns, que se movimentam entre o público e o privado”, escapando, assim, da “visão rasa (típica do jornalismo de noticiários) de que uma pessoa constrói sozinha o seu universo consagrador”. Nesse sentido, o pesquisador sugere que os autores apresentem “facetas diversas de seu herói, e não apenas a extraordinária carreira” (VILAS BOAS, 2006, p. 123). Seria preciso “voltar os olhos e os sentidos também para os coadjuvantes, os co-autores da obra da pessoa em foco”.

Assim como percebeu Catalão, Vilas Boas (2006, p. 126) se incomodou com “um véu de verdade absoluta que encobre as biografias”. Para este último, “a célula-mãe da biografia é exatamente o humano e seus entornos, ambos imensuráveis, incalculáveis, indecomponíveis” (VILAS BOAS, 2006, p. 132). Ele sugere que, em vez do esquema “descendência-fatalismo-superlativações”, a vida descrita contenha “ambiguidades que todos possuímos” (VILAS BOAS, 2006, p. 134). Por conseguinte, Vilas Boas (2006, p. 138) destaca que os biógrafos precisam “romper com suas obrigações cartesianas e assumirem-se verdadeiramente como sujeitos no mundo, sujeitos do sujeito em foco e sujeitos assumidos (declaradamente presentes) no mundo da narrativa”.

Abandonar os modelos interpretativos provisórios da profissão, de origem positivista, como a ilusão da completa objetividade, dos valores-notícia comerciais, da arrogância do entrevistador apressado em busca de aspas para justificar suas próprias teorias – esse pode ser um processo de autoanálise doloroso e difícil para o jornalista, mas necessário. A vantagem é que o resultado pode ser transformador para os profissionais da informação, com oportunidade de tornar mais densas suas narrativas de

mundo, assim como para os personagens, que têm seus discursos orquestrados de maneira mais múltipla, e para os leitores, elementos constituintes e ativos do processo de compreensão geral dos acontecimentos do passado que iluminam o presente imediato.

3- LIVRO-REPORTAGEM EM DEBATE

É importante fazer um balanço geral do que disseram os 10 jornalistas escritores e os dois editores entrevistados, mas nunca em um tom definitivo ou de conclusão pronta e inquestionável⁴. Este artigo, derivado da tese, soma-se a outros trabalhos que se centraram mais na análise do conteúdo ou do discurso dos livros-reportagens, sua aproximação com a literatura e a história, além de possíveis classificações para o fenômeno. As falas dos autores entrevistados são indícios de uma visada acadêmica diferente para entender o livro-reportagem. Como pensam e agem os profissionais que a ele se dedicam? De que forma entendem e interpretam a repercussão, o impacto social e a perenidade do livro?

As influências relatadas já são reveladoras. Vão da literatura brasileira ao trabalho de colegas de imprensa, passando pelos ventos do *new journalism* norte-americano. Os mais jovens tributam aos escritores mais experientes várias lições. Temas fortes podem ser acalentados desde a infância. Comuns ainda são os temores entre os escritores sobre a repercussão não só de sua primeira obra, mas das demais que podem ser elaboradas nos anos seguintes. Será que um tema tão distante como o ano de 1968 ainda vai agradar os novos leitores? A primeira parte de uma trilogia deu certo, mas não é garantia, diante de um mercado editorial instável, de que os demais volumes também seguirão o mesmo caminho. Um nome já consolidado, com larga experiência na imprensa, vai servir de chancela para um contrato editorial? Um livro mal engendrado pode abalar uma reputação profissional?

Em uma perspectiva histórica, por muitos anos os livros escritos por jornalistas no Brasil poderiam ser classificados mais como *de* reportagens. Desde os pioneiros, que até antecedem o marco consolidado por Euclides da Cunha e o seu *Os sertões*, passando

⁴ Optou-se, neste artigo, por uma questão de espaço, por apresentar um apanhado geral do que disseram todos os entrevistados mencionados. A sistematização do “debate” em forma de categorias, com as aspas de todos os repórteres e editores respondendo múltiplas questões, está disponível em Maciel (2018), nos capítulos 5, 6 e 7.

pela influência duradoura dos jornalistas-cronistas, como João do Rio, até a profissionalização da reportagem em vários veículos impressos, sobretudo nos anos 1950, 1960 e 1970. Nesses períodos, a atitude de transpor reportagens já publicadas para o formato de livro, retirando-as do contexto da corporação jornalística, parecia representar uma postura de respeito pelo status de aparente “eternidade” do livro. A partir dos anos 1980, ensaiou-se um cenário editorial de contratos prévios para a produção exclusiva de livros-reportagem, com grande ênfase para as biografias jornalísticas, o que representou novos desafios aos profissionais.

Elaborar um livro-reportagem envolve enorme esforço pessoal e mobilização dos saberes jornalísticos já exercitados nas redações, agora de forma mais extensiva e autônoma. O calor da produção diária, pelo qual todos os entrevistados passaram e alguns ainda passam, dá segurança para preparar-se para uma entrevista, organizar a pauta, saber perguntar e escutar, além de sistematizar informações por vezes contraditórias. Outras heranças das redações para o livro citadas pelos entrevistados são a capacidade de criar ritmos de texto atraentes, aberturas fortes, um sentido maior de concisão e treino do olhar na rotina para escolher as melhores histórias e suas angulações.

Mas uma das principais diferenças apontadas é o menor peso da carga hierárquica dos editores-chefe, diretores de redação e mesmo das linhas político-ideológicas de um veículo de imprensa. Enquanto a redação oferece tanto pressões quanto proteções corporativas, o livro é um desafio mais pessoal de organização de tempo e astúcia jornalística para distender e tensionar as práticas adquiridas. O fato de a reputação do jornalista estar em jogo de forma mais evidente quando assina um livro-reportagem representa um peso íntimo, que pode explodir em pesadelos, crises de ansiedade, medo do erro, temor da recepção da obra e até na busca de ajuda de psicólogos.

Elemento crucial na teoria construtivista interacionista, que norteou todo este trabalho, a questão da organização do tempo e do espaço no processo de apuração, seleção e redação jornalística presente em um livro foi bastante abordada. A exigência de prazos em uma editora é mais distendida, diferente da redação. No entanto, os compartimentos íntimos, subjetivos, de pressão do escritor podem oprimir. O prazo combinado com uma editora para todo o trabalho de pós-produção de um livro-reportagem e para seu posterior lançamento costuma assustar mais quando vai chegando

ao final. Atrasar um livro significa quebrar toda uma lógica de produção editorial. Como um maratonista, metáfora utilizada por um dos entrevistados, o jornalista conta com bastante tempo para apurar e escrever um livro-reportagem. Mas pode sair exausto, principalmente quando se pensa em uma carreira de escritor que produz um livro após o outro.

A principal vantagem do tempo estendido, que beneficia as equipes de repórteres especiais em qualquer mídia, e não só o escritor de livros-reportagem, é poder voltar aos acontecimentos depois que a tensão do factual se acalmou. Os entrevistados são capazes de expressar melhor suas impressões e emoções, comparando sua situação presente e a que viveram no passado. Podem surgir, com o tempo, sempre novas fontes documentais históricas. Uma biografia ou livro de reconstituição histórica – isso parece ser consenso entre os entrevistados – também não deve ser encarado como uma última palavra, definitiva. Ao contrário do que concebe a perspectiva positivista, que encara o conhecimento como algo que pode ser completo, acabado e perfeito e não na condição de estar sempre em processo, o desejável é que, com o tempo, não só novos livros, mas a mídia como um todo, revise temas cruciais para compreender o Brasil.

Outra relação crucial, também cara aos estudos da teoria construcionista interacionista, é com os entrevistados. É preciso nutrir uma postura sincera de abrir-se à descoberta do mundo do outro. Ter coragem de despir-se dos preconceitos e entrevistar párias, marginais ou pessoas com quem não se concorda ideologicamente. No caso dos temas polêmicos, a conquista da confiança das fontes ainda é mais complexa e demorada, exigindo vários retornos. Confrontados seguidas vezes pelos jornalistas, eles podem até realizar um processo de autoanálise sobre os seus atos. Existe a impressão de que os personagens costumam organizar seus discursos com mais profundidade quando sabem que farão parte de um livro. As pessoas que têm a mídia pouco presente nas suas vidas, como os moradores de comunidades pobres, em geral são bem abertas aos jornalistas escritores.

Nesse exercício de encontro com o Outro, um dos objetivos é o de captar a vivacidade e a melodia das falas cotidianas. Estar profundamente atento ao silêncio e ainda ao fato de que a fala, assim como os documentos, pode ser camuflada, povoada de elipses enigmáticas. Observam-se bastante os gestos, as atitudes dos personagens e os ambientes onde estão inseridos. Uma herança do *new journalism* e de toda uma tradição dos repórteres-cronistas brasileiros. No caso dos biografados, que muitas vezes são

peças complexas e polêmicas, entrevistas múltiplas, em mosaico interpretativo, precisam traduzir essa riqueza humana. Outra questão mencionada é a necessidade de atenção constante ao fato de não existir informação desinteressada. A fala de alguém é sempre uma interpretação subjetiva, bem como a chamada voz narrativa do escritor, o que desafia princípios como os da imparcialidade e da objetividade. Sendo a memória escorregadia, é preciso evitar partir a campo com ideias pré-concebidas.

O contraditório também assusta, pois não é possível oferecê-lo em uma nova reportagem no dia seguinte ou no próximo minuto. Colocar vários discursos em contraste no texto final ajuda, mas, diante de incertezas, já que contam com o tempo como aliado, os repórteres entrevistados preferem seguir em busca de novas evidências que a imprensa não alcançou. As lembranças das fontes podem ser embaçadas pela confusão de informações. Cabe aos jornalistas escritores orquestrar os discursos em linhas de força que equilibrem o direito inalienável de todos expressarem as suas opiniões. Estratégia típica é voltar várias vezes aos entrevistados para ver se, confrontado com as mesmas perguntas, eventualmente irão mudar de ideia. A postura honesta do autor para com o seu leitor, esse parceiro essencial, diante das inevitáveis lacunas históricas, é sempre a de compartilhar suas dúvidas e estar aberto a novos trabalhos jornalísticos que vão ou não saná-las no futuro.

Entre os jornalistas entrevistados que abandonaram as redações e mesmo os que continuam produzindo reportagens especiais, é forte a impressão de que os leitores estão órfãos de uma visão mais complexa no jornalismo. Todos negam certo senso comum de que os leitores não estão mais interessados em narrativas de fôlego. Livros-reportagem e grandes reportagens complementam as informações fragmentadas do jornalismo factual diário, formato majoritário no cenário midiático atual. Mas não adianta imaginar que se está realizando um esforço de reportagem reunindo apenas três ou quatro fontes depondo sobre um acontecimento em muitas páginas, sem promover o exercício mais difícil da análise multiangular e pluralista.

Mesmo a apuração mais cuidadosa sucumbe diante de uma narrativa não engendrada com esmero. Quando falam de suas formas de narrar, os jornalistas escritores tendem a procurar definições e adjetivos para classificá-la. Percebe-se que a definição jornalismo literário não agrada a alguns pela carga de enquadramento que pode representar. Literário pura e simplesmente por ser um texto com mais adjetivações, que corre o perigo extremo de inventar, ficcionalizar? Ou pela herança inegável de

processos da literatura, como a descrição dos ambientes, dos personagens e seus conflitos psicológicos? O engano está na raiz de questão, de entender a literatura como um mero exercício de floreio da linguagem, e não uma densa expressão discursiva.

Há uma rejeição aos chamados penduricalhos, excessos de caracterizações e detalhamento de elementos inúteis, classificados como literatice. Porém, alguns louvam as técnicas de imersão nos ambientes em que os personagens já estão lá, “criados para você” e apresentam, supostamente, mais elementos surpreendentes do que um ficcionista poderia conceber. Gerar um processo de identificação do leitor com os personagens apresentados, muitas vezes em plena ação e até com suas impressões psicológicas, é fruto, primeiro, de entrevistas criteriosas e cotejamento dos discursos. Também é desejável que um livro-reportagem apresente diferentes focos de um mesmo assunto e a impressão de um mosaico coeso no seu conjunto. Como um romance?

Alguns autores preferem os termos “tratamento elegante” e “fôlego” para explicar como organizam o longo texto de um livro-reportagem. Critica-se a postura arrogante de certos repórteres que se arvoram de ser “literários” e privilegiam mais a “inspiração” do que a investigação. Há uma meta comum de escrever de forma mais simples e clara, algo que é fruto de muita pesquisa. A leveza deve ser acompanhada da densidade das linhas de força, de preferência com elementos de sedução fortes em cada capítulo. O tempo mais longo para decantar o texto final permite a busca obsessiva pela palavra mais adequada e possibilita ao escritor exercitar uma prosa elaborada.

De qualquer forma, os depoimentos indiciam que a convivência paciente desses escritores com um tema ou personagem central gera reflexões cuidadosas a respeito das estratégias de construção do real que irão engendrar no livro-reportagem. Por exemplo: a escolha clara de um Eu narrativo que vai dar ritmo à história; nas biografias, a capacidade de enxergar o biografado à sua frente e encaixá-lo no contexto de toda uma época; o raciocínio sobre como os fatos do passado, novamente revisitados, podem iluminar as problemáticas do presente imediato; e uma maior consciência de que como irá se desenvolver o diálogo com os leitores.

O processo de produção de um livro-reportagem envolve prazeres, mas as angústias são inevitáveis. O erro pode estar escondido na imensa massa de informação e passar incólume por diversos revisores. E, mais uma vez, o equívoco, que pode ser grave, parece pesar mais para o profissional sem o escudo de uma instituição que não a do seu próprio nome. Por isso o cuidado dos entrevistados em enviar cópias prévias para

a correção de colaboradores de confiança e, até mesmo, no caso de uma entrevistada, a precaução de quebrar um tabu da prática jornalística e ler previamente para os personagens os trechos nos quais serão representados na obra. O livro é simbolicamente mais duradouro do que outras mídias. Por isso o erro dói mais.

Outro fator curioso é que a angústia de um segundo livro depois da boa acolhida do primeiro pode ser maior. Em geral, na sua primeira obra, o jornalista não espera tanta repercussão. Está tateando um novo campo, descobrindo seu lugar e, em muitos casos, já procura as editoras com o trabalho pronto. Temas que podem trazer consequências perigosas para o narrador, como o da polícia que mata, redobram os temores sobre o que virá após a publicação. Pesadelos são comuns e envolvem cobranças de prazos, “conversas” ou “repreensões” oníricas dos próprios biografados. É preciso organizar uma rígida disciplina de trabalho diário para dar conta de todas as demandas. Mesmo com a obra pronta, sempre vai restar a dúvida se há algo mais a apurar, preencher.

E quem, afinal, são esses leitores que dedicarão horas preciosas do seu tempo para se entregar nesse jogo conjunto de interpretação que é a leitura de um livro-reportagem? Alguns entrevistados dizem que são pessoas de um nível escolar mais avançado, com potencial crítico, que procuram informações de contexto para referenciar a sua compreensão do mundo da vida. É preciso que o escritor esteja preparado para as mais diversas reações, que podem ser extremamente díspares. Existe a vantagem, após a publicação do livro, de um contato mais direto com o leitor, em feiras literárias, palestras, entrevistas na mídia, redes sociais ou mesmo na rua. O cuidado geral é com a elaboração de um material que seja respeitado por especialistas e, ao mesmo tempo, compreendido por um público mais leigo, mas sem nivelá-lo por baixo.

Livro-reportagem é um produto, assim como um jornal ou um portal de notícias, mas nasce de estruturas editoriais diferentes. Uma editora pode ser menos hierárquica, permitir um trabalho mais autônomo do jornalista, mas a lógica do reconhecimento pela maioria pode desestimular a escolha de determinados temas ou personagens. O escritor tem a chance de trazer seu nome à frente de um livro que resgatou uma temática polêmica. Porém, terá de enfrentar sozinho possíveis questionamentos judiciais. Para uma grande editora, firmar um contrato para a produção de uma obra por longos anos sem a certeza de que ela será concluída ou obterá o mínimo de vendagem é sempre um contrato de risco.

Entrevistas com os editores de épocas diferentes indicaram como a produção e distribuição do livro-reportagem foi se profissionalizando no Brasil. As editoras dos anos 1970, sobretudo as de posicionamento mais político, viam uma possibilidade de abordar temas de interesse muitas vezes silenciados pela ditadura, o que também despertava bastante interesse dos leitores. Já os jornalistas da época, que até contavam com boas estruturas nos jornais de referência para elaborar longas séries de reportagens, pareciam buscar nos livros um aspecto de mais respeito e perenidade para o seu trabalho. Experiências como o romance-reportagem foram cruciais como propostas de abordagem de temas palpitantes com o disfarce do ficcional e mesmo para a formação de um público leitor para o livro-reportagem.

Já a partir do final dos anos 1980, com a afirmação de contratos detalhados entre as editoras e os jornalistas, o mercado desse produto tornou-se mais racionalizado – verbas de pesquisa para procura minuciosa de documentos e fontes, adiantamento de *royalties* que ajudam, mas vêm em parcelas e com incidência do imposto de renda, esquemas de divulgação, que podem ser arrojados no caso de jornalistas que já comprovaram boas vendas, mas que esbarram na crise do mercado editorial varejista. Ter angariado capital simbólico com reportagens de fôlego e de projeção na imprensa diária ajuda a cancelar o nome de um novo escritor. Entretanto, os temas escolhidos são, em geral, o grande fator de convencimento para publicação. Prêmios envaidecem, dão felicidade pelo reconhecimento de um trabalho árduo e de resultado incerto, porém pouco ajudam a vender mais livros no Brasil. Adaptações audiovisuais, *e-books* e *audiobooks* podem ser promissores, mas são estratégias que ainda estão em desenvolvimento lento no país.

Como produto simbólico, o livro-reportagem é encarado por muitas editoras como algo que transcende o lucro comercial. Há a possibilidade de determinada biografia tornar-se um marco para o entendimento de um personagem por longo tempo. Perenidade, contextualização e aprofundamento histórico são vantagens do formato. O livro transcende a periodicidade, mas suas condições de “eternidade” são relativas. Em termos de visibilidade e vendas, os indicativos caem dentro de meses após o lançamento, todavia, certas abordagens são tão aprofundadas que, sem pretensão de apresentar uma verdade inquestionável e imutável, permanecem como referência por décadas, como exemplificado na própria tese que gerou este artigo.

5. Livro-reportagem: atividade transformadora

Esse amálgama de vozes de escritores e editores que têm lidado com o jornalismo publicado na forma de livro ao longo de mais de um século no Brasil não tem pretensão de delimitar uma visão definitiva sobre o fenômeno. Mas este artigo e a tese contribuem para indicar como pensam alguns jornalistas de gerações diferentes, com sólida formação profissional nas redações, que resolveram aventurar-se com consciência por mais essa possibilidade de expressão em tempos severos de crise do significado do jornalismo para a sociedade. Vale ressaltar que se evitou, a todo momento, endeusar o produto como possibilidade única de aprofundamento e contexto em uma selva de informações fragmentadas e boatos. Experiências diárias na mídia brasileira, capitaneadas por jornalistas centrados no seu papel social, nunca com facilidade, merecem atenção pela sua preocupação com o jornalismo como conhecimento.

Acima de tudo, falaram nas páginas da tese jornalistas que adotam uma postura construcionista de se verem como membros ativos do mundo da vida, assim como seus leitores, reconhecedores da relatividade e especificidade de qualquer interpretação histórica e cultural e conscientes de que o conhecimento é socialmente elaborado, que o mundo, ou o chamado “real”, não se apresenta organizado, pronto para ser planejado e esquematizado em esquemas fáceis e ilusórios de objetividade. Eles estão atentos à relevância do saber acadêmico de várias áreas, como a filosofia, história, antropologia e a literatura, e ainda têm a clareza de que os próprios estudos do jornalismo já possuem esteio suficiente para nortear uma atividade de profunda reflexão humanística.

REFERÊNCIAS

CATALÃO Jr., Antônio Heriberto. **Jornalismo *best-seller***: o livro-reportagem no Brasil contemporâneo. Araraquara, 2010. 252 f. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas**: livro-reportagem como extensão do jornalismo. 4. Ed. São Paulo: Manole, 2009.

MACIEL, Alexandre Zarate. **Narradores do contemporâneo**: jornalistas escritores e o livro-reportagem no Brasil. Recife, 2018. Tese (Doutorado em Comunicação)-Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/29836/1/TESE%20Alexandre%20Zarate%20Maciel.pdf>

VILAS BOAS, Sérgio. **Metabiografia e seis tópicos para aperfeiçoamento do jornalismo biográfico**. São Paulo, 2006. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo.

ENTREVISTADOS

ARBEX, Daniela [08/08/2016]. Entrevistador: Alexandre Zarate Maciel. Juiz de Fora, Minas Gerais: redação jornal *Tribuna de Minas*. 1 arquivo .mp3 (2h31min).

BARCELLOS, Caco [09/09/2016]. Entrevistador: Alexandre Zarate Maciel. São Paulo: apartamento do entrevistado. 1 arquivo .mp3 (2h07min).

CARRANCA, Adriana [12/09/2016]. Entrevistador: Alexandre Zarate Maciel. São Paulo: café Starbucks. 1 arquivo .mp3 (1h30min).

CASTRO, Ruy [22/08/2016]. Entrevistador: Alexandre Zarate Maciel. Rio de Janeiro: apartamento do entrevistado. 1 arquivo .mp3 (1h15min).

COSTA, Otávio [18/09/2016]. Entrevistador: Alexandre Zarate Maciel. São Paulo: sede da editora *Companhia das Letras*. 1 arquivo .mp3 (1h).

GOMES, Laurentino [13/09/2016]. Entrevistador: Alexandre Zarate Maciel. São Paulo: livraria Saraiva shopping Eldorado. 1 arquivo .mp3 (2h14min).

MANGARIELO, Fernando [15/09/2016]. Entrevistador: Alexandre Zarate Maciel. São Paulo: residência do autor. 1 arquivo .mp3 (1h05min).

MORAIS, Fernando [17/09/2016]. Entrevistador: Alexandre Zarate Maciel. São Paulo: apartamento do entrevistado. 1 arquivo .mp3 (1h49min).

NETO, Lira [17/09/2016]. Entrevistador: Alexandre Zarate Maciel. São Paulo: apartamento do entrevistado. 1 arquivo .mp3 (1h52min).

NOSSA, Leonencio [05 e 08/05/2016]. Entrevistador: Alexandre Zarate Maciel. Brasília: apartamento do autor. 1 arquivo .mp3 (4h30min).

VALENTE, Rubens [07/05/2016]. Entrevistador: Alexandre Zarate Maciel. Brasília: café. 1 arquivo .mp3 (3h).

VENTURA, Zuenir [17/08/2016]. Entrevistador: Alexandre Zarate Maciel. Rio de Janeiro: apartamento do entrevistado. 1 arquivo .mp3 (1h56min).